



BRASIL



A CONVERSA DE PRIMEIRA DO  
**PAPO DE SEGUNDA**

FÁBIO PORCHAT • EMICIDA • FRANCISCO BOSCO • JOÃO VICENTE DE CASTRO

# A FORÇA VITAL

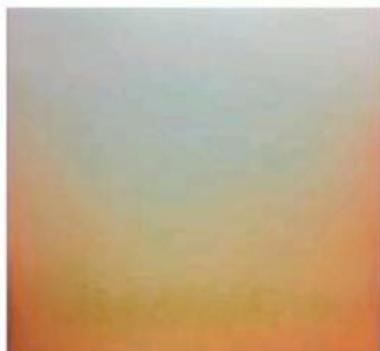
O paraibano Sergio Lucena leva sua obra reflexiva para a Mariane Ibrahim Gallery, em Chicago, uma referência em diversidade e multiplicidade de talentos

Por **Fernando Beagá** Fotos **Márcio Fischer**

**Q**uando desperta às cinco da manhã, o artista Sergio Lucena já está com a cabeça em seu ofício. "Acordo com a pintura." Cumprida a rotina matinal, caminha dois quilômetros do seu apartamento, em Perdizes, até seu ateliê, na Pompeia, zona oeste de São Paulo, onde passa o dia sozinho, concentrado e produtivo. Em breve, esse trajeto será de alguns passos. Até o fim do ano, estará morando nas montanhas de Atibaia, um refúgio que abrigará os espaços de trabalho dele e da esposa, a escritora Simone Az. De seu terreno, avista a Pedra Grande, patrimônio ambiental da região. "Estou retornando às minhas origens. Encontrei as pedras, que remetem à minha infância no sertão da Paraíba. É a retomada de um estado de espírito."

A vastidão e o silêncio que o pequeno Sergio contemplava sobre uma pedra, na fazenda do avô, são o horizonte criativo de sua obra, que ganha o mundo mais uma vez. A individual *The blue that embraces me... (O azul que me abraça...)*, na





**AZULEJADO** De cima para baixo: *Seascape*, 2020; *What Remains After the Clouds Go Away?*, 2018; *Subtlety in Blue*, 2020 e *Big Blue*, 2020.



**OFÍCIO** Sergio Lucena entre tintas e pincéis no seu ateliê na zona oeste de São Paulo, que será transferido para um refúgio em Atibaia (SP)

Mariane Ibrahim Gallery, em Chicago, nos Estados Unidos, acontece entre 12 de março e 10 de abril. Nas telas com camadas espessas de cores em tinta a óleo, a curadoria enfatiza o tom que é outra marca na infância do artista: a lembrança da emoção do pai ao repetir a frase do cosmonauta russo Yuri Gagarin, de que a Terra é azul.

“Essa bolinha azul é o único lugar que nós temos. É aqui que precisamos resolver as coisas.” Dessa forma, o artista acredita na arte como posicionamento. Após uma primeira fase da carreira produzindo obras provocativas, Lucena considera-se hoje pacificado. “Entendi que a maneira de mudar é afirmar o que tem de bonito. Essa é minha postura política nesse momento de horror.” A pandemia do novo coronavírus não comprometeu sua produtividade, mas o impactou profundamente: perdeu a mãe, conta, para um contexto de negação. E adiou a exibição em solo americano.

O encontro com sua representante nos Estados Unidos, a galerista franco-somali Mariane Ibrahim, foi inusitado. Famosa por trazer à tona artistas de ascendência africana, ela procurava um brasileiro para reafirmar sua busca por diversidade. Tudo começou em 2014, durante a feira Art Basel, em Miami.

Após acenos frustrados de Lucena e a esposa para conseguir um táxi para retornar ao hotel, o semáforo selou o destino: um carro parou e a passageira ofereceu carona. Era Lele Barnett, então curadora da coleção de arte da Microsoft. O cartão de visitas recebido após um bom papo no trajeto foi parar nas mãos da amiga, Ibrahim. “Esse encontro na encruzilhada – o território de Exu, a força vital – é uma metáfora perfeita da vida e da arte”, reflete ele.

“Quando entrei no ateliê do Sergio pela primeira vez, a serenidade das obras mexeu com a minha energia. As telas coloridas e vivazes, em paralelo com a vibração de São Paulo. Trabalhos atemporais como o dele sempre acrescentam à galeria”, diz Ibrahim.

Em sua trajetória de quatro décadas, Sergio Lucena migrou do figurativo para o abstrato, conceito sobre o qual tem ressalvas. “O que chamam de abstração para mim é o que há de mais concreto. A realidade é como o mundo acontece dentro da gente”, explica. Mas não considera sua mudança uma evolução, apenas uma maneira diferente, lapidada, de propiciar uma experiência ao observador. “A última coisa que me interessa é que alguém, diante da tela, queira saber o que eu pensei.”